

# Édipo e Transferência a partir de *Dora*: Um Percurso em Freud

David Calderoni

O *Caso Dora* é um momento de virada nas noções de Édipo e de transferência. Este artigo analisa algumas implicações históricas, teóricas e clínicas desta transformação.

A idéia desta notas delineou-se à medida que, estudando o *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (O Caso Dora)*, fui-me dando conta das posições que nele assumem o Édipo e a Transferência.

Conhecido como o trabalho pelo qual Freud confere a essas noções fundamentais uma significação nova e preme de amplas conseqüências clínicas e teóricas, o *Caso Dora* apresenta-se assim como um momento crítico não apenas na história de tais noções, como na história da própria psicanálise.

Na verdade, se o Édipo já tinha assento como figura fundamental entre as concepções freudianas, antes do *Fragmento* não era a mesma a situação da transferência: definida n'*A interpretação dos Sonhos (1900)* como uma modalidade de deslocamen-

to do afeto de uma representação a outra, e reconhecida já nos *Estudos sobre a Histeria (1895)* como tendo uma ocorrência mais do que provável "*nos tratamentos razoavelmente sérios*", funcionando como resistência, todavia não possuía ainda, aos olhos de Freud, uma importância estratégica na dinâmica e no sucesso da cura. O *Caso Dora (1901/1905)* constitui a ocasião em que a transferência passa a ser vista como fenômeno decisivo do processo analítico, cabendo ao psicanalista convertê-la de inimiga em aliada.

David Calderoni

Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Embora a expressão *complexo de Édipo* só tenha sido formulada em 1910 num artigo dedicado à psicologia da escolha amorosa (ESB XI, p. 149), a primeira aproximação do fenômeno em causa foi comunicada a Fliess na carta de 31/05/1897: "*Parece que esse desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai, e na filha, contra a mãe.*" (ESB I, p.275) A elaboração desta idéia veio a público em 1900, justamente numa seção da *Traumdeutung* intitulada *Sonhos sobre a Morte de Pessoas Queridas*: "*Essa descoberta (apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro) é confirmada por uma lenda da Antigüidade Clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome.*" (ESB IV, p.256)

O esquema dramático do Édipo, em que os sexos iguais se opõem e os diferentes se atraem, experimenta no *Fragmento* uma reviravolta que desnuda a sua face inversa: "*Dora dizia a si mesma incessantemente que seu pai a sacrificara a essa mulher, fazia demonstrações ruidosas de que a invejava pela posse do pai e, dessa maneira, ocultava de si mesma o oposto: que invejava o pai pelo amor da Sra. K. e que não perdoava à mulher amada a desilusão que ela lhe causara com sua traição.*" (pp. 64-65)

Dora abandonou o tratamento. Segundo Freud, tal ato teria o caráter de uma agressão dirigida contra ele. Mas ele, Freud, não

seria mais do que uma representação substitutiva de outra - o Sr. K.; o ódio que Dora nutria por este teria sido transferido para Freud. Esse tipo de transferência, envolvendo o deslocamento de um afeto hostil, foi depois denominado transferência negativa (*O Homem dos Ratos* - 1909).

Freud não esperava por isso, na medida em que supunha que Dora tivesse um afeto de outra ordem, seja por ele, seja pelo Sr. K. Essa expectativa apoiava-se, por seu turno, naquele esquema dramático do Édipo, que fazia prever que moças como Dora gostassem de homens como Freud e o Sr. K. - tanto mais se a idade

**A reversão de expectativas não poderia ser apreendida em ato no texto?**

e outros traços os assemelhassem à figura paterna, como parecia ser o caso. O revés que Freud amargou foi o preço da percepção da faceta negativa do complexo, de notável importância para a configuração do quadro de referência que lhe permitiria compreender o *Caso*. É o que se vê quando, em 30/01/1901, já concluída a redação do *Fragmento* (só publicado em 1905), Freud escreve a Fliess sobre Dora: "*o papel principal nos processos psíquicos em conflito é desempenhado pela oposição entre uma atração pelos homens e outra pela mulheres.*" (ESB VII, p.13)

Esse quadro de referência é o arcabouço do Édipo completo que, vinte e dois anos mais tarde (em *O Ego e o Id*), levaria Freud a expressar ressalvas quanto à forma simples e positiva em que foi descoberto, considerando esta última um esquema reducionista face à complexidade real dada pela ambivalência e simultaneidade de correntes masculinas e femininas numa mesma pessoa.

\* \* \*

Até aqui, venho seguindo os rastros dos achados de Freud sobre o Édipo e a transferência em *Dora*. Se vem sendo possível acompanhar em linhas gerais a trajetória explícita dessas noções, delineando um panorama de suas posições antes e através do *Fragmento*, uma interrogação latente, contudo, sobressai, insatisfeita. Diz respeito não bem a *o que* Freud descobriu, mas a *como* descobriu.

A reversão de expectativas que leva a reformular noções não poderia ser apreendida *em ato* no texto? Chamada à questão, a escuta do relato muda de sintonia. Seja, por exemplo, este trecho do *Fragmento*, em que Freud sela a descoberta do Édipo negativo de Dora: "*A moção de ciúme feminino estava ligada, no inconsciente, ao ciúme que um homem sentiria. Essas correntes de sentimentos masculinos, ou, melhor dizendo, ginecofilicos, devem ser consideradas típicas da vida amorosa inconsciente das moças histéricas.*" (p.65)

Neste excerto, Freud apresenta a tese de que o ciúme de moças histéricas como Dora comporta uma inclinação homossexual inconsciente; de certo ângulo, soa indiferente caracterizar esse sentimento como masculino ou

como ginecofilico, dado que ambos apontam à homossexualidade. Uma leitura estritamente orientada para os resultados da investigação de Freud tenderia assim a considerar desimportante a variação de termos, possivelmente atribuindo-a a um esforço de precisão artesanal sem maiores implicações. Porém, uma indagação voltada ao processo de descoberta do Édipo negativo não haveria de desprezar a heterogeneidade dos dois adjetivos - “masculinos” e “ginecofilicos” - este último grafado em itálico no original. Trataria de se perguntar se, longe de um preciosismo inócua, a passagem de uma a outra forma de qualificar os sentimentos de Dora para com a Sra. K. não expressaria um remanejamento essencial da perspectiva sexual-identificatória de Freud: *'por que gostar de mulher seria só coisa de homem'*? Se é procedente, tal leitura acena com a possibilidade de acompanhar a maneira pela qual o Édipo pessoal de Freud é mobilizado na sua investigação - tanto nos resultados que encontra, como nas operações pelas quais os encontra.

No que tange à transferência, já expus brevemente os resultados da elaboração que sofre no *Fragmento*: entra como uma noção importante, sai como uma noção decisiva, numa passagem capital do caminho que leva Freud de considerá-la um mecanismo particular e contingente a concebê-la como fenômeno necessário e constitutivo de qualquer processo analítico. Reportei também o ensinamento técnico que Freud extrai do *Caso Dora*, formulando o objetivo estratégico do analista face à transferência: convertê-la

de inimiga em aliada. Trata-se agora de sondar no texto freudiano o procedimento que realizaria tal conversão: *“Fui obrigado a falar da transferência porque somente através desse fator pude esclarecer as particularidades da análise de Dora. (...) Não consegui dominar a tempo a transferência (...). Assim, fui surpreendido pela transferência e, por causa desse 'x' que me fazia lembrar-lhe o Sr. K., ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele.”* (p.112-113)

Seguindo Freud neste ponto, os estudiosos costumam res-

## Buscar nos procedimentos da escrita a relação transferencial em *Dora*.

saltar o procedimento que teria logrado manter Dora no tratamento: perceber o quanto antes e chamar a atenção da paciente para a assimilação que estaria fazendo entre o Sr. K. e o seu terapeuta. Frequentemente apresenta-se dessa maneira, resultando de uma elaboração do malogro, o ensinamento inaugural de como deve ser a interpretação da transferência.

Aqui, devo expressar minhas reservas. O sucesso desse tipo de intervenção depende, a meu ver, não apenas do conteúdo que quer comunicar, mas sobretudo da forma da relação na qual incide e da

qual procede.

Tendo em vista que o afeto, mais que sentimento privado, é modo de relação, atentando ao colorido afetivo da descrição de Freud, creio poder-me explicitar. No excerto em questão (*“Não consegui dominar a tempo a transferência (...). Assim, fui surpreendido pela transferência”*), é possível observar que os poderes referidos à transferência variam conforme perspectivas antagônicas específicas: na direção médico-paciente, trata-se de dominar; na direção Dora-Freud, trata-se de surpreender. Dominar o que surpreende! - eis como daí parece operacionalizar-se a estratégia de converter a transferência de inimiga em aliada. Admitiria Dora a maior verdade do mundo, se a ressentisse como instrumento de dominação?

Cabe objetar: e se o termo *dominação* fosse um simples modo de falar de Freud, não representando a feição do seu procedimento? Ademais, nada sabemos com certeza dos sentimentos de Dora. O único testemunho que temos é o relato do próprio Freud.

Se a essência do que sabemos quanto ao procedimento de Freud frente a Dora está no relato que ele escreveu, uma idéia é buscar nos procedimentos da escrita indicações da relação transferencial em jogo. A esse propósito, um exemplo pertinente e curioso consiste numa passagem em que Freud narra a reação de Dora à interpretação de que desejava encobrir sua paixão pelo Sr. K. reavivando a paixão por seu pai: *“Não trouxe nenhum desapontamento para minhas expectativas que essa exposição dos fatos provocasse em Dora a mais*

enfática negativa. (...) Quando esse 'não', em vez de ser considerado como expressão de um juízo imparcial (do qual, por certo, o doente não é capaz), é ignorado, dando-se prosseguimento ao trabalho, logo aparecem as primeiras provas de que, nesses casos, o 'não' significa o desejado 'sim'. (...) Não obstante, Dora continuou por algum tempo a negar a minha afirmação, até que, próximo do término da análise, a prova conclusiva de sua exatidão veio à tona." (pp.61-62)

Eis uma passagem que considero bastante ilustrativa dos expedientes utilizados no *Fragmento* para angariar convicção e adesão: entre os procedimentos retóricos abundam a assertividade dos argumentos, a soberania demonstrativa, a cadeia de certezas que se reduplicam nas interpretações cuja exatidão Freud visa **provar** a Dora e aos destinatários de seu relato. Uma relação solidária entre paciente e leitores, uma comunidade interlocutória parece assim se desenhar nas linhas de força do texto.

A posição da transferência em Dora assume dessa forma uma feição tal, que o termo *dominação*, mais do que força de expressão, revela-se expressão das forças em jogo. Enquanto imagem verbal, a *dominação* figura uma certa operação. Enquanto ato, a *dominação* opera sobre a própria figura da transferência, explicitando-a quanto a um dos vetores que a movem. No trabalho de análise por vezes encontro representações como essa, que se constituem tanto como figuração de certas operações quanto como operação de certas figuras. Quando determinada expressão assume um tal caráter de figura

operante, eu a chamo de *motivo*.

[Depois de formular esta noção, apercebi-me do sentido bastante convergente com que Freud a utiliza no *Pós-Escrito* da *Gradiva*, designando por *motivo* não bem o impulso, a finalidade ou a forma do que se move, mas aquilo por cujo intermédio algo se move, isto é, o condutor, que na condição de intermediário entre o pré-consciente e o inconsciente, *leva* a interpretação ao encontro do cerne da fantasia. (ESB IX, pp.97-98; GW VII, pp.123-124)]

Trouxe à baila o *motivo* porque adiante poderá ser útil.



Em seu *Vocabulário*, Laplanche e Pontalis recomendam, para além dos enunciados descritivos e das concepções explícitas, descobrir a transferência em ação nos tratamentos. Considerando que a transferência em *Dora* atualiza-se no modo que o relato do tratamento argumenta e interlocuciona, venho seguindo à minha maneira essa diretriz histórico-crítica. Penso daí que a relação entre as transformações do Édipo e da transferência possa ser perquirida tornando âmbito de investigação o próprio texto como fato histórico: é em seu corpo que ambas se desenvolvem. Nessa

perspectiva, o texto não está na história, o texto cria a história, mantendo com esta uma relação de inerência. Nessa mesma linha, cabe notar que a composição do relato deu-se em dois tempos: se já no corpo primeiro do texto efetua uma inflexão essencial no caminho da elaboração teórica do complexo de Édipo ao descobrir as correntes ginécófilas de Dora, Freud necessita do tempo segundo do *Posfácio* para falar do ponto cego transferencial. Quais ressignificações teriam interagido nesse entretempo? Considerando que a ressignificação da transferência tenha em alguma medida sido efeito da ressignificação do Édipo, abre-se por onde prosseguir.

Permitindo investigar as condições da revisão do Édipo no *Fragmento*, uma importante indicação é encontrada nas palavras com que Freud preludia a revelação das correntes ginécófilas de Dora: "*Devo agora considerar uma outra complicação a que certamente não daria espaço, fosse eu um escritor (Dichter) empenhado na criação de um estado anímico para um conto, e não um médico empenhado em sua dissecação. O elemento que apontarei agora só serve para turvar e confundir a beleza e a poesia do conflito que podemos supor em Dora; ele é justificadamente sacrificado pela censura do escritor (Dichter), que sem dúvida simplifica e abstrai quando faz as vezes de psicólogo.*" (p.62)

Este é o registro do divórcio entre o Édipo de Freud e o Édipo do escritor. E decerto como em todo divórcio, por menos traumático que seja, um fundo de mágoa assiste à partilha dos bens:

o escritor fica com a beleza simplista, o cientista fica com a complexa verdade. Mas... e o pranteável casamento, onde se encontraria o seu registro?

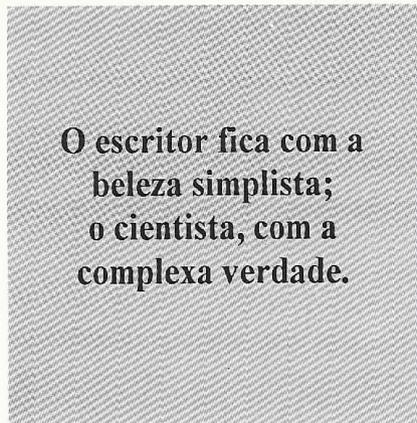
Entre a carta de maio de 1897 que prenuncia a noção e aquela passagem d' *A Interpretação dos Sonhos* onde resulta já acabada, o reconhecimento do Édipo enquanto verdade pessoal e universal é expresso a quente na carta a Fliess de 15/10/1897:

*"Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças que tornam histéricas. Se assim for, podemos entender o packende Macht do Oedipus Rex, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino (...). (...) A lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento (Verdrängung) que separa seu estado infantil do atual."* (Masson, p.273)

Para avaliar as conseqüências de um divórcio, é preciso começar apurando a identidade dos cônjuges, que bens comungaram no enlace e sob qual regime este foi celebrado. Um dos consortes é evidentemente Freud, e o seu dote tem um valor considerável: aquisição de sua auto-análise, a verificação de que com ele mesmo ocorria um fenômeno até en-

tão só observado em seus doentes leva-o à hipótese de que estaria em jogo algo anterior à diferenciação entre o normal ("*meu próprio caso*") e o patológico ("*as crianças que se tornam histéricas*"), portanto algo também anterior à diferenciação entre o "*infantil*" e o "*atual*". Não obstante, desejando ir mais longe em sua descoberta, pretende a ocorrência de tal fenômeno em pessoas de todos os tempos e lugares.

É aí que entra Sófocles, o *Dichter* (designação extensiva a todo artista da palavra, seja poeta, prosador ou dramaturgo): o que este grego oferece a Freud



**O escritor fica com a beleza simplista; o cientista, com a complexa verdade.**

como presente é justamente a peça onde apoiar a postulação do caráter transcultural e trans-histórico da sua descoberta. Regime de comunhão de bens: a descoberta de Freud alucida a eficácia e o sentido da criação de Sófocles, ao passo que o Édipo-Rei infunde um amplíssimo alcance à descoberta, traspassando-a no bojo do mito por uma extensa diversidade de normas e épocas, de números e gêneros do humano.

Onde então sondar o pomo da discórdia? A fim de divisar os conflitos que fariam com que entre Freud e os *Dichter*, entre a poesia e a ciência, a união fosse

antes instável que indissolúvel, e quiçá dando a ver as marcas indeléveis que a relação com Sófocles deixaria, fiz um inventário dos elementos em tensão na carta, procurando, quando possível, dispor os termos tensionantes numa posição intermediária aos tensionados:

Infantil	recalcamento	atual
sonho	transplante	realidade
fantasia	recuo	horror
	pressentimento	
	reconhecimento	
	compulsão	
	captação	
	pressuposição do destino	
packende Macht do Oedipus Rex	objeções	razão

Não foi à toa que eu comecei por onde comecei o inventário: procurei os elementos em tensão no começo do excerto, mas estes só se entremostraram mais para o final, onde aparecem claramente segregados o "*infantil*" e o "*atual*". A primeira oração é festa, é encontro: anuncia a confluência da descoberta auto-analítica com a intuição da sua universalidade - Freud e as (crianças que se tornam) histéricas formando uma comunidade de origem - à qual, na oração seguinte, vem se juntar o mito, ou seja, o testemunho dos tempos. O trecho que aí se inicia é palco de uma série de ações cujo sentido comum é gnoseológico: Freud *entende*, a lenda *capta*, todos *reconhecem*, "*pois cada um pressente*". Este intrincado jogral de percepções vai, na seqüência, se esgarçar, dando lugar a uma série de movimentos afastativos: o tempo verbal retrocede do presente ao passado e o ato regride à potência ("*Cada pessoa... foi...*")

um Édipo em potencial”); a fantasia, o sonho e o infantil aparecem desvinculados e opostos à realidade e ao atual; o afeto que advém, ligado a uma ação presente de recuo, é o horror; são tematizados, além do recuo, a separação e o recalçamento (que é, aliás, a própria operação separadora).

Progredindo numa tensão crescente, é como se o excerto da carta evoluísse do clima de casamento ao de divórcio. O primeiro momento de tensão se desencadeia a partir da afirmação de Freud de que “podemos entender o *packende Macht* do *Oedipus Rex*”. Curiosamente, Freud em seguida descreve este objeto que afirmara inteligível como tendo um peso maior do que “as objeções que a razão levanta”. Essa imunidade ou prevalência do *packende Macht* face à razão e suas objeções vai estar no foco de uma série de operações de conhecimento já observadas. Sabe-se que *Macht* em alemão quer dizer força, poder, potência. De que natureza precisaria ser uma potência para ter a aptidão de permear o pressentimento, a captação e o reconhecimento de uma compulsão, e ao mesmo tempo transcender os poderes da razão? Eis a única resposta que me ocorre: trata-se de uma potência que não pode ser sobrepujada pela razão porque está na sua base, na sua própria origem e fundamento - superá-la seria para a razão algo como saltar sobre a própria sombra. É como se a energia desse conhecer proviesse do seu próprio objeto - a compulsão, concebida por Freud como “*prazernão-inibível*” (carta a Fliess de 06/12/1896). Tudo indica que naquele “parágrafo gnoseológico”, Freud

armou uma cena onde o ato de conhecer aparece, se enraíza e se sustenta reflexivamente no trabalho do afeto.

\* \* \*

A expressão *packende Macht* merece pesquisa. Como traduzi-la? Laplanche e Pontalis dirão: *poder de dominação (pouvoir d'emprise)*; Anzieu dirá: *efeito surpreendente (effet saisissant)*; Masson dirá: *poder de atração (gripping power)*; Strachey dirá: *força avassaladora (riveting power)*. Dado que cada passagem do alemão para o inglês ou francês é refiltrada pela respectiva versão em português, tão complexo quadro de traduções,

**Freud armou uma  
cena onde o conhecer  
se sustenta no trabalho  
do afeto.**

embora significativo no que aponta, permanece indecível se não se vai à fonte. Pertencerá o *packende Macht* à linhagem da surpresa ou à da dominação? Para cotejar as versões com o texto original de Freud, neste e em outros pontos, contei com os conhecimentos de alemão de Raymond Juneck, colega a quem muito agradeço.

Segundo pudemos apurar, *packende* deriva de *packen*, que significa *impressionar, arrebatado, agarrar*. Prefiro traduzir o trecho em questão como *poder de arrebatamento do Édipo-Rei*, como admite Raymond, por uma

razão muito simples: ao discorrer sobre o *packende Macht* do *Oedipus Rex*, Freud o correlaciona à afirmação de que “... a lenda grega *capta (greift)*...”; ora, este movimento de captação, presente no arrebatado, não fica evidenciado nas idéias de dominação, surpresa ou avassalamento. Quanto à atração, tem em comum com o captar e o arrebatado o sentido de trazer para junto de si, porém evoca apenas indiretamente dois outros sentidos que desde logo compartilham o captar e o arrebatado: *apanhar, colher*.

Mais que um exercício de tradução, o que está em causa é o esforço para colher o elemento fundamental deste estudo. Após um detalhado percurso rumo às fontes, seguindo o motivo da dominação transferencial em Dora e passando pela história da ruptura entre os Édipos de Freud e de Sófocles, foi possível nomear o motivo situado na origem das tensões internas ao Édipo e à transferência: o arrebatamento. Mas para ser fiel à idéia de que o motivo, bem mais que imagem verbal, é uma figura operante, é necessário precisar qual a operação que o arrebatamento efetua e como esta se vincula às tensões internas ao Édipo e à transferência. Tal operação pode ser apreendida na análise da carta: vinculado à compulsão, o arrebatamento desencadeia uma série de percepções que variam do nível consciente ao pré-consciente (entender, reconhecer, pressentir) e mesmo inconsciente (captar). Se quando Freud diz que “... a lenda *capta*...” está deslocadamente dizendo que “...o *Dichter capta*...”, então vê-se formar uma tríade: Freud (que entende conscientemente), a platéia (que pressente e

reconhece em nível pré-consciente) e o Dichter (que capta inconscientemente). Sob os influxos do poder de arrebatamento, se configuraria dessa forma a contrapartida mais arcaica do *Édipo completo*, uma espécie de matriz reversa na qual toda a ambivalência dada pela concomitância das atrações e repulsões envolvidas nesta última noção se encontraria ainda em estado germinal: os personagens se pon-do um momento antes do princípio de sua oposição, ocorreria uma relação de três elementos da qual nenhum seria excluído, uma *cena originária completa* - profantasia realizada pela incorporação do teatro ao texto. Antes que o arqui-inimigo do arrebatamento entrasse em cena na carta, apresentando-se para exilar o infantil no sonho e na fantasia, antes que, fazendo coro à razão e suas objeções, o recalca-mento assim trabalhasse para se- parar o infantil da realidade e do atual, - é importante marcar isso: - uma cena originária se deu! Ori- ginária de que? Para dizer o míni- mo: originária da própria desco- berta do Édipo!

Esta cena edípica, na qual se daria uma prazerosa intelecção a três, evoca por contraste a cena transferencial que vimos se dese- nhar em *Dora*: nesta, a comuni- dade interlocutória Dora-leitores exclui *de saída* o Freud retórico- dominante. Como aquilo deu nisto?

No plano mais geral da carta da descoberta do Édipo, reina uma certa harmonia na posição relativa de cada vértice; platéia, Dichter e Freud participam de níveis diferentes de conhecimen- to de uma mesma realidade. O mais conflitado dos vértices é a

nome da estética, simplificaria e abstrairia a complexidade dos con- flitos humanos, é como se Freud, que quando do abandono da cren- ça na realidade das seduções primevas bradou "*Já não creio mais na minha Neurotica*", re- clamasse em *Dora* novamente desiludido: "*Já não creio mais em meu Sófocles!*".

A dura descoberta do Édipo negativo em Dora desencadeou a transferência negativa de Freud para com o Dichter, que por sua vez se sobrepos à transferência negativa de Dora, de modo que, antagonizado com o público e com Dora-Dichter, restou a Freud um esplêndido isolamento.

## Haveria uma cena originária da descoberta do Édipo.

Dora-Dichter? que criatura é esta? É um misto de beleza enga- nadora e surpresa ingrata. É uma esfinge histórica. Quando o arre- batamento se converte em falácia sedutora, o que se poderia espe- rar da relação de Freud com seus... doentes? A descoberta do Édipo positivo envolve o movimento em que Freud encontra um funda- mento comum ao normal e ao patológico, transcendendo esta dicotomia. A descoberta do ne- gativo, que rumos determinaria à razão dissecativa? Com efeito: sabemos que em *Dora*, enquanto médico que dissecava a realidade, Freud afasta-se do Dichter que

platéia: arrebatada pelo que cap- ta, horrorizada pelo que não en- tende. O ângulo mais confortável pertence ao Dichter: seja pela via do pressentimento, seja mediante o entendimento, Freud e a platéia o consagram. Separados pelo efei- to causado no público, Freud e o Dichter mantêm-se unidos pela verdade imanente ao seu objeto: o Édipo é de fato um destino pressuposto, e é desta verdade comum que a poesia e a ciência nutrem a força do que propõem, "*a despeito de todas as objeções que a razão levanta*". Conver- gentes na relação com a verdade, arrebatamento e entendimento di- vergem, porém, na relação com a beleza; e é desta tensão entre verdade e beleza que nasceria o pomo da discórdia entre Freud e o Dichter. E por aí uma diferença vai-se cavando: em 05/11/1897, Freud escreve a Fliess dizendo o quanto prezava a opinião que este teria sobre o valor de sua desco- berta, já que de outros só poderia esperar um "frio afastamento (*befremdete Ablehnung*)" - algo bem contrastante com o arreбата- mento que a peça (isto é, o Dichter) inspira. A tensão do con- fronto com o público só faz por se agravar no *Caso Dora*: Freud an- tecipava que os leitores do relato ficariam "*aterrados*" e "*estarrecidos*" (cartas de 25/01 e 09/06/1901 - ESB VII, p.13). Entre as cenas transferenciais da carta e do *Fragmento*, a relação de verdade que o prendia ao Dichter ( e daí ao público) era o único liame a evitar que Freud se precipitasse na posição de tercei- ro excluído. E a gota d'água caiu quando com Dora caiu a confian- ça de Freud no Dichter: ao impu- tar ao escritor travestido de psi- cólogo a censura pela qual, em

cria a beleza. Ao afeto vinculado à criação da beleza - apanágio do Dichter, dirá Freud em *Dora* -, proponho chamar de *afeto criador*. Nestes termos, Freud afasta de si o afeto criador, alocando-o ao Dichter e àquilo que este representa. Despido do afeto criador, o arrebatamento da descoberta do Édipo vira a surpresa maldita de Dora. Em suma: minha hipótese é que, quando o Édipo levou uma invertida em *Dora*, a cena originária do Édipo tenha adquirido um sentido traumático, de modo que a descoberta do Édipo negativo acompanhou-se da necessidade de recalcar algo da ordem do arrebatamento. Tal hipótese lança luz sobre a oposição de motivos que vimos permear a transferência em *Dora* - dominar o que surpreende -, a surpresa sendo uma figura operante do afeto, pertencente, como tal, à linhagem do arrebatamento. Para não se deixar vencer pela sensibilidade, procurar convencer pela racionalidade: assim, em contrapartida, se traduziria o lema estratégico da dominação.

Mas não seria precipitado ou extremo demarcar tão nitidamente os territórios da razão e do afeto, reservando ao analista e ao paciente lugares claramente opostos e definidos? Vejamos como Freud se posiciona n' *A Dinâmica da Transferência* (1912): “*Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida pulsional, entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. É nesse campo que a vitória tem de ser conquistada - vitória cuja expressão é a cura permanente da neurose* (ESB XII, p.143; SA, p.167-168; Vocab. da Psic., p.673

- versão comparativa).”

Visto as palavras com que Freud situa do lado do analista o intelecto e a compreensão, e do lado do paciente a pulsão e a tendência a exercê-la, na marcha da elaboração teórica da transferência a oposição da razão ao afeto não apenas se confirma, como se investe de uma coreografia francamente marcial: o médico luta, conquista, vence...! Como andaria a coisa pelo lado do Édipo? Em nota acrescentada em 1920 aos *Três Ensaio*s, numa parte que trata da barreira do incesto, Freud afirma que “*cada novo ser humano confronta-se com a tarefa de dominar*

**Uma coreografia marcial investe a oposição da razão ao afeto.**

(*bewältigen*) o complexo de Édipo, e aquele que não consegue realizá-la sucumbe à neurose.” A contrapartida afetiva da dominação em *Dora* havia sido a surpresa; agora, quase duas décadas depois, quando o assunto é Édipo, resvalando da ordem da paixão à da patologia, deslizando do contexto clínico à teoria do desenvolvimento, na contrapartida da dominação já não há surpresa, mas doença. De que forma, porém, deve-se dar esse trabalho de dominar o complexo de Édipo para que o indivíduo não fique entregue à neurose?

“*Não vejo razão*, escreve

Freud, *para negar o nome de 'recalcamento' ('Verdrängung') ao afastamento do ego diante do complexo de Édipo, embora recalcamientos posteriores ocorram pela maior parte com a participação do superego que, nesse caso, está apenas sendo formado. O processo que descrevemos é, porém, mais que um recalcamento. Equivale, se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição (Zerstörung und Aufhebung) do complexo. Plausivelmente podemos supor que chegamos aqui à linha fronteira - nunca bem nitidamente traçada - entre o normal e o patológico. Se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que um recalcamento do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde seu feito patogênico.*” (A Dissolução de Complexo de Édipo - ESB XIX, pp.221-222; SA V, pp.248)

Notamos, de pronto, uma diferença fundamental entre a carta de 1897 e o artigo de 1924. Na primeira, Freud descobre em si mesmo e, por intermédio da peça, postula em todos o “*apaixonar-se por mamãe e ter ciúmes de papai*”. O poder de arrebatamento da lenda grega é explicado por captar uma compulsão que, além de ser comum a todos, todos presentem e reconhecem. Se é certo que, determinando um afeto de horror, interpõe-se um recalcamto, este não impede o contato entre o estado atual e o desejo infantil, que se supõe, portanto, preservado - idéia que não faz mais do que ecoar o postulado da atemporalidade e indestrutibilidade dos conteúdos do inconsciente. Em contraste, a noção de dissolução (*Untergang* - literal-

mente declínio, o caso) do Édipo, na medida em que implica a “*destruição e abolição do complexo*”, contradiz o referido postulado, tornando obscuro não apenas o necessário e dramático reconhecimento que Freud afirmara na carta, mas, sobretudo, o que minha experiência de análise me revela - a menos que a linha fronteira entre o normal e o patológico seja nitidamente traçada por um desesquecimento impossível, apanágio do primeiro tipo de criaturas. Do privilégio dessa insuperável amnésia, nem Freud, nem a multissecular platéia de Sófocles gozaria, e eu torço para que não pouse em meu divã alguém de quem venha a me convencer tratar-se de um normal (o que, de qualquer forma, seria um contra-senso).

A tentação seria exclamar: prefiro o Freud da descoberta ao Freud do o caso! Se isto ao menos me fizesse compreender a lógica conceitual que leva Freud a postular a idéia de dissolução... Francamente: por que o abandono dos investimentos de objeto e a transformação da libido objetual em narcísica, que acompanham a identificação secundária, não implicam a dissolução definitiva das primeiras identificações, cujos investimentos de objeto continuam preservados, mas implicariam, como condição ideal da construção das identificações secundárias, a destruição do complexo do qual as identificações primárias são constitutivas? De todo modo, desenvolver esta interrogação levaria a adentrar *O Ego e o Id* e a teoria das identificações, o que excede o fôlego deste trabalho.

O que não posso deixar de observar, não bem no registro da lógica conceitual, mas, digamos,

na alma da teoria, é uma certa consonância de motivos e um certo paralelo nas evoluções do Édipo e da transferência. Não obstante o caráter conjectural da idéia de dissolução, situada por Freud como um caso ideal, um caso-limite, tal tenuidade de inscrição na ordem das razões contrasta, na ordem dos afetos, com a contundência desse suposto processo que Freud, aliás, caracterizou também como demolição (*Zertrümmerung*), donde o afinco com que defende uma idéia cuja consistência é incerta.

Contudo, a cruzada contra a patologia não necessitaria esperar pela problemática edípica dos anos 20 para apresentar-se como *leitmotiv*; à propósito do combate à doença, aquele mesmo artigo de 1912 oferece à vista um termo que é o correlato da destruição/demolição do Édipo: “*É inegável que a domaçaõ (die Bezwingung) dos fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar ma-*

*nifestos e atuais os esquecidos e escondidos sentimentos de amor dos doentes. Pois, no fim das contas, ninguém pode ser destruído/executado/abatido (erschlagen) in absentia ou in effigie.*” Trata-se aqui da idéia de que as moções amorosas transferidas devem ser *erschlagen* (particípio e infinitivo de abater). Ou seja: uma vez atualizados na relação com o analista, Freud preceitua que os impulsos eróticos do paciente tem que ser abatidos; ou executados (Vocabulário); ou, se preferirem, destruídos (ESB). E se é certo que a transferência presentifica “*um fragmento da vida sexual infantil, e portanto do complexo de Édipo e das suas ramificações*” (“Para Além do Princípio do Prazer” - 1920), compreende-se que, assim como o imperativo de dominar o Édipo é condicionado à destruição do complexo, a domaçaõ dos fenômenos da transferência seja posta a serviço de abater os conteúdos transferidos.

O quadro dá um panorama dos movimentos de análise:

FONTES	TEMAS	MOTIVOS EM TENSÃO	
		FIGURAS OPERANTES DA RAZÃO	FIGURAS OPERANTES DO AFETO
Carta a Fliess de 15/10/1897	Descoberta do Édipo	recalcar	arrebatar
Caso Dora (1901)	Édipo	dissecar realidade complexa	criar beleza simplista
	Transferência	dominar	surpreender
Dinâmica da Transferência (1912)	Transferência	domar e abater	amar doentio
Três Ensaios (nota de 1920)	Édipo	dominar	sucumbir à neurose
Dissolução do Comp. de Édipo (1924)	Édipo	destruir	manifestar efeito patogênico

À vista do quadro sinóptico, verifica-se algo a que se poderia aplicar a noção freudiana de *série complementar*: à medida que a razão dissecativa domina, o afeto criador adoece. Há dois extremos meridianamente claros na progressão cronológica das fontes: no princípio está Eros e no fim está Thanatos.

\* \* \*

Rumando ao fecho do estudo, cabe um balanço das limitações e das perspectivas que se fizeram sentir. Um dos limites a transpor em trabalhos futuros concerne certamente ao exame dos demais escritos técnicos e teóricos, e à análise dos outros relatos clínicos, o quais não foram, mas deverão ser considerados quanto às posições relativas de Édipo e transferência. Uma outra perspectiva de prolongamento e verificação dos resultados deste estudo consiste na idéia de procurar o Édipo e a transferência em ação nos escritos que focalizam a arte, os artistas ou suas obras. Creio que, nos escritos onde a tríade operante na descoberta do Édipo (Freud-Dichter-Público) de alguma forma se reconstela, presentifica-se uma cena transferencial muitas vezes propícia à colheita de ensinamentos clínicos. A propósito disso, dou um último exemplo.

Sob o impacto de um desencanto para com Sófocles, desencadeado pela descoberta das correntes ginecofilicas em Dora, vimos Freud tachar os escritores de reducionistas que amputam a complexa verdade em benefício de uma beleza comparsa da censura. Passados treze anos, trabalhando o Édipo mediante a análise

de *O Rei Lear*, de Shakespeare, quais transposições levam Freud a conceber o que se segue?: “Podemos agora voltar nosso interesse para a maneira pela qual o dramaturgo faz uso do motivo (*Motiv*). Ficamos com a impressão de que uma redução do motivo ao mito original está sendo realizada em seu trabalho, de maneira que, uma vez mais, temos a sensação da comovente significação que foi enfraquecida pela deformação. É mediante esta redução da deformação, este retorno parcial ao original, que o dramaturgo alcança seu efeito mais profundo sobre nós.” (“O Tema dos Três Escrínios” - ESB

### Édipo e Transferência: Séries complementares na alma da teoria freudiana.

XII, p.378; GW X, p.35)

Na passagem do Édipo positivo ao negativo, acompanhamos Freud no movimento pelo qual, separando razão dissecativa e afeto criador, recalca este último, afastando-o para a dimensão mitopoética e dela se afastando. Em contraste, o texto agora em pauta presencia o movimento em que, reaproximando-se da dimensão mitopoética, Freud reenlaça a razão dissecativa e o afeto criador, e com isso realiza não o retorno sintomático do recalçado, e sim o retorno elaborativo ao recalçado: o comovimento aqui não sendo explicável pela libera-

ção de qualquer *afeto traumático*, falaríamos melhor em termos de *afeto comemorativo* - assim denominado por vincular-se tanto ao ato de trazer algo à memória, quanto ao rito que realiza este ato. *Retorno parcial e comovimento* apareceriam dessa forma como os motivos de razão e de afeto por cuja cooperação Freud traz à memória algo daquela cena originária.

Os motivos que engendraram estas notas serão plenamente realizados, se for retomada como hipótese de trabalho a conclusão provisória que segue: o *Caso Dora* marca o momento em que há um *parelhamento heurístico de Édipo e transferência*, a partir do qual *formarão séries complementares ao longo da obra de Freud*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As siglas ESB, SA e GW seguidas por algarismos romanos indicam respectivamente os volumes da *Edição Standard Brasileira, da Studienausgabe e da Gesammelte Werke* onde se encontram as páginas ou obras citadas.

1. OBRAS DE FREUD EM PORTUGUÊS consultadas pertencem, salvo indicação, à *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 1987. O nome dos artigos é seguido do respectivo volume e, quando é o caso, da(s) página(s) citada(s).

“Estudos sobre a Histeria” (em colab. com Breuer) - Vol. II. p.291

“A Dinâmica da Transferência” - Vol. XII.

“A Dissolução do Complexo de Édipo” - Vol. XIX.

“A Interpretação dos Sonhos” - Vol. IV.

“Além do Princípio de Prazer” - Vol. XVIII.

"Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen" - Vol. IX, pp.97-98.

"Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (O Caso Dora)" - Vol. VII.

"O Ego e o Id" - Vol. XIX.

"O Tema dos Três Esgrínios" - Vol. XII.

"Sobre um Tipo Especial de Escolha de Objeto no Homen" - Vol. XI

"Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" - Vol VII.

Masson, Jeffrey Moussaief (ed.). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.273 (poder de atração).

## 2. OBRAS DE FREUD EM ALEMÃO

*Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1975, Briefe 71 - p.193 (*packende Macht*).

"Das Motiv der Kästchenwahl" - *Gesammelte Werke* X, London, Imago, 1949, p.35.

"Der Untergang des Ödipus-komplexes" in *Sexualleben* -

Studienausgabe Band V, Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972.

"Der Wahn und die Träume in W. Jensens "Gradiva" *Gesammelte Werke* VII, London, Imago, 1941, pp.123-124.

"Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie" in *Sexualleben* - *Studienausgabe* Band V, Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972.

"Zur Dynamik der Übertragung", in *Studienausgabe Ergänzungsband-Schriften zur Behandlungstechnik*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972.

## 3. OBRAS DE FREUD EM INGLÊS

Standard Edition - Vol. I. - James Strachey (Editor), London, Hogarth Press, 1966, 5ª ed., p.265 (*riveting power*).

"The Origins of Psycho-Analysis - Letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes". - Anna Freud, Ernst Kris, Marie Bonaparte (Editors) - Imago, London, 1ª ed., 1954, Letter 71 (*gripping power*).

Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904 - Jeffrey Masson

(Editor) - Harvard University Press, Cambridge, 1985, Letter from 10/15/1897 (*gripping power*).

## 4. OBRAS DE OUTROS AUTORES

Anzieu, Didier. *A Auto-Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p.151 (efeito surpreendente).

L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse (Tome 1), Paris: PUF, 1975, p.326 (effet saisissant).

Laplanche, Jean e Pontalis, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa: Moraes Editores, 4ª ed., 1977, p.117 (poder de dominação).

*Vocabulaire de la psychanalyse*, Vendome: PUF, 10ª ed. rev., 1968, p.80 (*pouvoir d'emprise*).

O acesso aos originais foi possibilitado pela generosa colaboração de Ingo Güntert (Casa do Psicólogo), Irene Pereira e Vera Sevestre (Biblioteca da Soc. Bras. Psicanálise/SP).